

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO
LETRAS/TRADUÇÃO ESPANHOL

RITA DE CÁSSIA DE FREITAS

TRADUÇÃO E RECEPÇÃO DE LITERATURA INFANTIL:
“EL VIAJE DEL COCODRILO MATUSALÉN”

Brasília, 2016

RITA DE CÁSSIA DE FREITAS

**TRADUÇÃO E RECEPÇÃO DE LITERATURA INFANTIL:
“*EL VIAJE DEL COCODRILO MATUSALÉN*”**

Projeto Final de Graduação apresentado como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel do Curso de Letras Tradução – Espanhol da Universidade de Brasília.
Orientadora: Prof.^a Dr.^a Sandra María Pérez López

BRASÍLIA, 2016

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO
LETRAS/TRADUÇÃO ESPANHOL

RITA DE CÁSSIA DE FREITAS

TRADUÇÃO E RECEPÇÃO DE LITERATURA INFANTIL:
“EL VIAJE DEL COCODRILO MATUSALÉN”

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof.^a Sandra María Pérez López

Prof.^a Lucie Josephe de Lannoy

Prof.^a María del Mar Páramos Cebey

Brasília, 10 de novembro de 2016

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus, pois está sempre ao meu lado, orientando-me e fortalecendo-me para que eu não desista de meus objetivos e ideais.

À minha família, principalmente à minha mãe e minha irmã, que confiam e torcem por mim desde sempre.

Aos meus alunos, que me motivaram a realizar este trabalho e que me ensinam mais sobre a vida do que muitos livros de autores renomados.

A todos os colegas, deste e de outros cursos, com os quais compartilhei experiências e aprendizado.

A todos os professores, que participaram de forma significativa na construção do meu conhecimento.

Quero agradecer, especialmente, à minha orientadora, Prof^a. Dr^a. Sandra Pérez, antes de tudo, por ter aceitado me orientar, pela compreensão e paciência com as minhas limitações.

“Os olhos, os ouvidos e a língua vêm antes da mão. Ler vem antes de escrever e desenhar antes de traçar as letras do alfabeto”. (Mahatma Gandhi)

RESUMO

Este trabalho tem por foco esclarecer a importância da literatura infantil, original e traduzida, para o desenvolvimento da criança, tanto no processo de alfabetização como na compreensão de mundo. Afinal, é por meio da leitura que a criança aprende a língua padrão e começa a perceber que existem outras maneiras de se expressar além da sua variedade nativa, embora não tenha consciência dos diferentes dialetos existentes no Brasil. É nesse contexto que este estudo vem trazer uma tradução para brasileiros do livro “*El viaje del cocodrilo Matusalén*”, elaborada levando em conta o público alvo. Para tanto, foram necessárias algumas adaptações, não só no texto, mas principalmente nos recursos visuais que o acompanham, por incluírem elementos que não fazem parte da realidade dos leitores aos quais a tradução é destinada. Isso é confirmado através da análise de informações colhidas em atividades de leitura do texto traduzido com quatro turmas de educação infantil de uma escola pública do Distrito Federal.

Palavras chave: literatura infantil; variação linguística; tradução; leitura; mundo.

RESUMEN

Este trabajo tiene por propósito discutir la importancia de la literatura infantil, original e traducida, para el desarrollo de niños y niñas, tanto en el proceso de alfabetización como en la comprensión del mundo. Después de todo, es a través de la lectura como las niñas y niños aprenden la lengua estándar y empiezan a darse cuenta de que hay otras maneras de expresarse además de su variedad nativa, aunque no sean conscientes de los diferentes dialectos que existe en su país. En un contexto de este tipo es en el que este estudio plantea la traducción para brasileños del libro «El viaje del cocodrilo Matusalén», teniendo en cuenta al público al que se destina. Para ello se hicieron necesarios algunos ajustes, no sólo del texto en sí, sino principalmente de los recursos visuales que lo acompañan, al incluir elementos que no forman parte de la realidad de los lectores a los que se destina la traducción. Ello se ve confirmado a través del análisis de información obtenida por medio de actividades de lectura del texto traducido con cuatro grupos de educación infantil de una escuela pública del Distrito Federal, en Brasilia.

Palabras clave: literatura infantil; variación lingüística; traducción; lectura; mundo.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
CAPÍTULO 1: O papel da literatura infantil na formação de sujeitos críticos.....	10
1.1. A leitura versus a tecnologia.....	10
1.2. O surgimento da literatura infantil.....	12
1.3. A importância de se ouvir histórias.....	12
CAPÍTULO 2: A tradução da literatura para crianças: dilemas linguísticos e culturais.....	17
2. 1. A influência do conhecimento da norma padrão no desenvolvimento da expressão oral: traduzir para crianças.....	17
2. 2. A tradução do livro “ <i>El viaje del cocodrilo Matusalén</i> ”: problemas culturais.....	22
2. 3. Tradução e ilustrações.....	24
CAPÍTULO 3: Recepção por crianças do texto traduzido.....	29
3. 1. Apresentação de dados.....	30
3. 1.1. Primeira turma.....	30
3.1.2. Segunda turma.....	31
3.1.3. Terceira turma.....	32
3.1.4. Quarta turma.....	32
3.2. Reelaborando os resultados: a tradução pela imagem por parte das crianças.....	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
Referências bibliográficas.....	39
Anexo 1.....	41
Anexo 2.....	42

INTRODUÇÃO

A tradução de livros infantis envolve muito mais do que conhecimentos linguísticos. É necessário fazer uma relação entre as imagens e o texto, pois, apesar de dialogarem de forma independente com as crianças, ambos se complementam. O público infantil se sente mais atraído pelas imagens apresentadas no livro e não necessariamente pelo texto. Assim, o trabalho do tradutor de literatura infantil envolve provocar o prazer da leitura por meio de imagens também, porque muitas vezes são as imagens que produzem o resultado esperado.

É por meio do contato com os livros que a criança começa a formar suas opiniões e a desenvolver a consciência crítica, pois a leitura faz com que ela enxergue o mundo como multiétnico e multicultural. E, acima de tudo, ela passa a entender que, além das belezas, existem as tribulações. Assim, quando a criança desenvolve apreço pela leitura, adquire melhor compreensão do mundo e das relações sociais, pois, por meio de uma história lida por um adulto, ela pode vir a compreender sua própria situação. Afinal, os livros infantis são portadores de valores humanos.

Nesse sentido, a Lei 9.394 de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases curriculares da educação nacional, junto com os Parâmetros Curriculares Nacionais, inseriu os chamados temas transversais, que devem ser discutidos em sala de aula. Um dos melhores meios de se abordar esses temas é por meio da leitura e os livros infantis trazem diversos assuntos que, mesmo implícitos, podem ser percebidos pelas crianças. Isso ocorre não só por meio da leitura que o professor faz, mas especialmente pelas imagens presentes nos livros.

De fato, quase todos os textos escritos para crianças apresentam o conteúdo visual e o verbal, que tornam as crianças leitores competentes, pois, além de entender o sentido das palavras, precisam compreender a linguagem não-verbal que normalmente está carregada de significados. Desse modo, as crianças aprendem sobre os mesmos assuntos dos adultos, mas de forma diferente, pois os livros são preparados para o universo delas. Há que se ter respeito pelas etapas do desenvolvimento da criança e ao mesmo tempo prepará-la para a vida em sociedade.

Em concreto, o livro que constitui o foco deste Projeto Final – “*El viaje del cocodrilo Matusalén*” – faz parte de uma coleção de livros que tratam dos direitos das

crianças. Este, especificamente, aborda o direito de não ser explorado, pois tem como personagem principal um animal encontrado na rua por duas crianças e adotado pela família. O crocodilo/jacaré, de nome Matusalém, apesar de ser muito amado, torna-se um fardo para a família e logo é doado para um circo onde é explorado. No entanto, passado um ano, o circo retorna à cidade e Matusalém volta para casa.

É difícil pensar em um jacaré sendo abraçado, assim como é difícil ver as crianças de rua sendo abraçadas. O animal ao ser adotado tem um lugar diferenciado na casa, talvez porque seja difícil adotar uma criança de rua e deixá-la participar de todas as atividades da família. Normalmente, as pessoas não querem adotar crianças crescidas por medo ou preconceito, pois acreditam que já tenham desenvolvido vícios difíceis de ser corrigidos. Como disse Olavo Bilac: “Uma criança é como o cristal e como a cera. Qualquer choque, por mais brando, a abala e comove, e a faz vibrar de molécula em molécula, de átomo em átomo; e qualquer impressão, boa ou má, nela se grava de modo profundo e indelével”.

Neste sentido, Ferreira (1994) afirma que muitas vezes, os pais adotivos exigem demais da criança recém-integrada, como se o fato de ter ganhado uma família a obrigasse a retribuir com um comportamento dócil, educado automaticamente. Os pais adotivos esperam atitudes adequadas e resultados imediatos, submetendo a criança a exigências exageradas, que, não podendo ser correspondidas, acabam por produzir um total desajuste em sua conduta.

São tensões como as anteriores que originaram a escolha da literatura infantil como foco deste Projeto Final. A opção está relacionada à convivência com crianças de quem escreve e à consciência de que a leitura pode inclusive ajudá-las a entender a realidade em que vivem e a enriquecer seu vocabulário. Afinal, para se desenvolver o interesse e o hábito pela leitura é preciso ter contato com livros e quanto mais cedo isso acontecer, melhores leitores haverá e, igualmente, crianças mais capazes entender o mundo criticamente. Ao contribuir, ao menos, para que elas os conheçam, o fato de traduzir esse livro e lê-lo para elas pretende, então, ser uma possibilidade de fazer as crianças entenderem melhor seus direitos.

Como a tradução do livro, como é habitual na literatura infantil, incluiu a tradução de imagens, as soluções tradutórias encontradas envolveram uma adaptação maior em relação aos aspectos culturais. Esse trabalho, assim, visa a despertar as

crianças não só por meio da linguagem verbal, mas também por meio da leitura das imagens.

Assim, o objetivo geral deste estudo consiste em apresentar uma tradução de “El viaje del cocorilo Matusalén” para crianças brasileiras, observando fenômenos relativos à recepção do texto por parte do público alvo. Como objetivos específicos, este trabalho pretende:

a) Analisar a importância da literatura infantil e as particularidades da sua tradução, principalmente no que diz respeito às ilustrações.

b) Abordar a problemática relativa a características da língua portuguesa ligadas à variação linguística e a outras alterações decorrentes das diferenças culturais.

c) Realizar uma pesquisa de campo com crianças de seis anos, a fim de tentar entender o impacto que a história e as imagens traduzidas causaram às crianças.

A fim de atender os objetivos almejados e de abordar as questões propostas, a metodologia adotada na realização deste trabalho abrangeu as seguintes atividades:

a) Seleção da obra a ser traduzida;

b) Leitura e tradução do texto (tanto dos textos escritos quanto das imagens), identificando os aspectos que pudessem apresentar potenciais dificuldades de tradução, do ponto de vista puramente linguístico ou cultural em sentido amplo;

c) Realização de atividade destinada à coleta de dados de recepção por parte de quatro turmas de alunos da educação infantil de uma escola pública do entorno do Distrito Federal;

d) Levantamento de possíveis arcabouços teóricos e registro da reflexão teórica motivada e da análise da proposta tradutória e sua recepção.

Para desenvolver este Projeto Final, foram então propostos três capítulos, destinados a discorrer, sucessivamente, acerca do papel da literatura infantil e da sua tradução na formação de sujeitos críticos; do tratamento de aspectos linguísticos e culturais na tradução da literatura para crianças; e da recepção do texto traduzido pelo público infantil.

Dito isto, dá-se início sem mais ao primeiro dos capítulos deste trabalho.

CAPÍTULO 1:

O papel da literatura infantil na formação de sujeitos críticos

Neste capítulo, será abordada a importância da literatura infantil para o desenvolvimento do ser, pois pode motivar uma criança a desenvolver bons hábitos, tomar conhecimento de sua realidade e a querer transformá-la. Porém, o interesse pela leitura é aperfeiçoado pela prática ou hábito. Assim, por requerer tempo e implicação afetiva, essa preocupação não pode ser unicamente da escola, mas também da família.

1.1 A leitura versus a tecnologia

As crianças deste século aprendem a utilizar a tecnologia antes mesmo de aprender a conviver com o outro. É comum ver uma criança dominar os aplicativos das redes sociais, ainda que desconheça as regras da escrita. Isso provoca dificuldades de aprendizagem na escola, porque os eletrônicos são muito atrativos, mesmo que não tenham um objetivo louvável.

A infância é um momento mágico da vida e por isso passa tão rápido, mas esse momento tem sido esquecido não só por causa dos avanços tecnológicos, mas especialmente pelo imediatismo de muitos adultos. A sociedade mudou muito e, em muitos aspectos para melhor, mas não se pode negar que, para as crianças, a tecnologia trouxe alguns prejuízos. As famílias têm se organizado de forma diferente, pois há uma tendência para a individualidade, de forma que, se um simples diálogo se tornou raro, quanto mais a disponibilidade para ler histórias para os filhos que também não se dispõem a ouvir. O consumismo e a tecnologia têm feito, assim, estragos no homem, não só por aguçar o desejo de ter, mas também pela necessidade do isolamento, demonstrado por muitos hoje.

Em muitos casos, os problemas são mais graves, porque não envolvem apenas a negligência emocional, mas também a exploração das mais variadas formas. Muitas crianças precisam trabalhar para se sustentar e até mesmo para ajudar a família e, nesses casos, passam a viver no mundo dos adultos, sem grandes sonhos. Muitas crianças, de uma forma geral, precisam de tratamentos psicológicos, por serem obrigadas a entender uma realidade que não é delas.

No contexto da contemporaneidade, a formação do ser humano deixou de ser vista, em boa medida, como uma responsabilidade dos pais e passou a ser concebida como uma obrigação dos professores que, embora tenham conhecimentos da realidade dos seus alunos, não podem fazer muito para suprir suas necessidades emocionais.

O desenvolvimento da criança está relacionado à compreensão de suas emoções, do intelecto e especialmente à sua capacidade de imaginação. Dessa forma, a leitura de contos de fada e muitas outras histórias infantis são muito importantes para as crianças. Nesse sentido, de acordo com Bettelheim (2002), o comportamento do ser humano é influenciado pelo inconsciente, em relação ao qual, os contos, de maneira sutil, influenciam na conduta moral e na construção do pensamento ético, fazendo que as crianças percebam os benefícios de um comportamento com princípios de bondade.

Os contos de fadas são ímpares, não só como forma de literatura, mas como obra de arte integralmente compreensível para a criança, como nenhuma outra forma de arte o é. Como sucede com toda grande arte, o significado mais profundo do conto de fadas será diferente para cada pessoa e, diferente para a mesma pessoa em vários momentos de sua vida. A criança extrairá significados diferentes do mesmo conto de fadas, dependendo dos seus interesses e necessidades do momento. Tendo oportunidade, voltará ao mesmo ponto quando estiver pronta a ampliar os velhos significados ou substituí-los por novos. (BETTELHEIM, 2002, p.12 apud NOGARI, 2010, p.557-563)

Esse processo de constituição de uma moralidade e uma ética não implica em absoluto o isolamento da criança em relação ao mundo circundante, quer seja pelo contato efetivo, quer por meio do acesso a ela através da imaginação. Nesse caso, a aproximação do real, embora não irrestrita, incluirá aspectos variados, tanto quanto a própria realidade. Segundo Lewis, 2005, apud NOGARI, 2010, p.557-563, os adultos e as crianças são beneficiados pela experiência do sofrimento. Para o autor, as crianças precisam ter contato com coisas ruins que representam barreiras. Isso as tornaria menos ingênuas, sem lhes roubar a capacidade de fantasiar.

Vigotsky afirma que a imaginação é fundamental para o desenvolvimento de um pensamento realista (VIGOTSKI, 1999). Para esse autor, o distanciamento da realidade que a literatura provoca tem um efeito positivo para concepção da própria realidade. As histórias e contos infantis têm o poder de divertir, ao mesmo tempo que colaboram para o desenvolvimento da personalidade da criança.

De fato, a literatura sempre ajudou as pessoas a desenvolver uma consciência crítica. Por isso é tão importante que o ser humano tenha contato com a leitura desde cedo. Nesse sentido, Marilena Chauí, 1987, apud NOGARI, 2010, p.557-563, defende a leitura na infância como instrumento para o desenvolvimento da criança, de forma que pode ajudá-la a se sentir mais segura ao lidar com dificuldades. No mesmo sentido, Bakhtin (1992) também concebe a leitura na infância como uma ação que pode transformar o ser humano em um sujeito responsável e até mesmo capaz de alterar sua condição.

1.2 O surgimento da literatura infantil

A literatura infantil surgiu no século XVIII e tinha um enfoque principal nos contos de fadas e as primeiras obras são de La Fontaine e Charles Perrault. Depois, começou a conquistar leitores e, conseqüentemente, outros autores surgiram, dentre eles, Monteiro Lobato. Mas levou tempo para que se aumentasse a produção de livros que só foi possível por causa dos avanços tecnológicos.

A partir daí, a escola passa a incentivar o consumo dessa literatura, mas, para isso, as crianças precisam desenvolver a habilidade da leitura não só da linguagem não verbal, especificamente da linguagem verbal. Afinal, os primeiros livros seguiam preceitos religiosos para que os adultos instruísem as crianças a obedecer, pois tinha a intenção de mostrar que os maus são castigados e os bons premiados. Assim, as crianças eram educadas para se tornar o que se esperavam delas.

Um recurso literário muito utilizado são as fábulas que, além de proporcionar o desenvolvimento da linguagem oral e escrita, produz efeitos no comportamento das crianças e melhora sua relação com os demais. Embora os personagens sejam, geralmente, animais, as situações remetem à vida em sociedade com o objetivo de transmitir valores morais que podem ser facilmente percebidos pelas crianças. Esses textos também ajudam o leitor a pensar antes de agir, a fazer amigos e a evitar inimigos, bem como a se defender dos que se julgam mais espertos e mais fortes.

As fábulas surgiram no ocidente no século VI a. C. Inicialmente, eram contadas de forma oral pelo suposto escravo grego Esopo. No século seguinte, surgiu o fabulista francês, La Fontaine que retoma as antigas fábulas de Esopo e criou outras com um tom mais irônico. No Brasil, Monteiro Lobato é o primeiro a ser reconhecido

como autor de fábulas. Inspirado nos textos de Esopo e La Fontaine, escreveu o Sítio do Pica-pau Amarelo.

Segundo Nelly Coelho 2000, a fábula “é uma narrativa de uma situação vivida por animais que alude a uma situação humana e tem por objetivo transmitir certa moralidade.” Os relatos normalmente são direcionados a uma lição de conduta, pois os animais representam as emoções e os sentimentos humanos de uma forma que não só divertem o leitor, mas também educam.

Os livros infantis seguiram esse padrão até o início do século XX. Essas obras tinham o objetivo de moldar as crianças e não tornar a leitura uma atividade prazerosa. Poucos livros retratavam a aventura ou falavam da vida de forma divertida. No entanto, por volta dos anos 70, a literatura infantil passa a ser vista de outra forma, valorizando o contexto das crianças. Monteiro Lobato teve uma grande contribuição para essa mudança, pois seus livros tratavam não só de aventuras, escola e brincadeiras, mas também, dentro da compreensão que se tem na infância, abordavam política e minorias sociais.

1.3A importância de se ouvir histórias

Ler para uma criança é a melhor forma de motivá-la a se tornar um leitor, mas nem sempre os pais têm tempo para fazê-lo ou mesmo não sabem ler. Mas os pais, mesmo analfabetos, ensinam os filhos a fazerem a leitura do mundo, a leitura incidental, ou seja, a criança pode não ter conhecimento do código linguístico, mas consegue fazer muitas associações entre objetos e seus rótulos. Neste sentido, Paulo Freire declarou que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra, mas a leitura desta não pode prescindir a continuidade da leitura daquele”. (FREIRE, 1997)

Assim, para aprender a ler, a criança passa por muitas etapas importantes. Por essa razão, é necessário considerar os conhecimentos que ela já tem quando chega à escola. Ao ouvir histórias, a criança começa a associar figuras com palavras, relacionando-as com sua leitura de mundo e começa a desenvolver o interesse pela leitura de livros.

De acordo com Emília Ferreiro (1987), a leitura e a escrita são tradicionalmente usadas como objetos de instrução sistemática. Por isso, desde o início, as civilizações têm visto a leitura e a escrita como instrumentos do conhecimento e de

fundamental importância para o homem. Por meio da escrita, é possível organizar o raciocínio humano de forma lógica. Conhecer as letras ou a importância delas é processo gradativo que pode inclusive anteceder à entrada da criança na escola, pois o sistema da escrita pode ser visto em qualquer lugar e o contato com as letras pode despertar o interesse da criança pela leitura.

Segundo Abramovich (1997, p.17), por meio de uma história é que se descobrem outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outras regras, outra ética, outra ótica. E ainda é possível adquirir conhecimento de filosofia, política e antropologia sem mesmo conhecer esses nomes e sem parecer que está em uma sala de aula. Assim, quanto mais cedo uma criança tiver contato com o prazer da leitura, mais probabilidade ela terá de se tornar um adulto leitor.

A vida é dialógica por natureza. Viver significa participar de um diálogo: interrogar, escutar, responder, concordar, etc. Neste diálogo, o homem participa todo e com toda a sua vida: com os olhos, os lábios, as mãos, a alma, o espírito, com o corpo todo, com as suas ações. Ele se põe todo na palavra entra no tecido dialógico da existência humana, no simpósio universal. (BAKHTIN, 1992, p. 112)

O autor nos faz pensar sobre a linguagem e o pensamento que se desenvolvem a partir das relações sociais. E, pensando na interação social por meio da leitura, entendemos a importância da literatura infantil na formação do ser humano. Afinal, o ler é uma atividade que envolve mais do que decodificar símbolos, pois permite a interpretação não só do texto, mas do mundo e de sua realidade.

As crianças recorrem muito mais à imaginação que os adultos, por isso ouvir histórias é tão prazeroso. Se os pais leem ou falam com as crianças, a leitura se torna parte de suas vidas e seu interesse e compreensão só aumentam com o passar do tempo. Em determinado momento, a criança começa a escolher as histórias que quer ouvir e aí as histórias preferidas começam a ganhar mais páginas, mais personagens e muito mais detalhes, que, às vezes, são inventados pelas crianças, pois os livros aumentam o prazer da imaginação.

De acordo com Vigotsky, o contato com a narrativa contribui para o desenvolvimento do pensamento lógico e da imaginação, pois, para o autor, a imaginação não está separada do pensamento realista. Afinal, o distanciamento da

realidade que a imaginação provoca é essencial para uma melhor compreensão da própria realidade. (VIGOTSKY, 1992, p. 128-129)

A leitura também pode ajudar na identificação dos estágios psicológicos da criança, que não estão, necessariamente, relacionados à idade. A autora Nelly Novaes Coelho afirma que os estágios psicológicos da criança dependem do seu amadurecimento afetivo e intelectual. Assim, é necessário adequar os livros ao estágio em que a criança se encontra. São esses: pré-leitor, leitor iniciante, leitor em processo, leitor fluente e leitor crítico. Nos primeiros estágios, a criança precisa ter contato com livros que abordem algo que lhe seja familiar e as ilustrações devem prevalecer sobre o texto.

Nos demais estágios, o leitor já tem certo domínio da leitura e seu pensamento lhe permite realizar operações mentais. Nessa fase a criança se interessa por humor e situações inesperadas. Assim, as histórias precisam ter começo, meio e fim, mas com alguma situação conflituosa não só para tornar a leitura emocionante, mas também para ajudar o leitor a solucionar algum problema. A partir daí, surge o leitor fluente que é capaz de lidar com abstrações e o texto começa a produzir mudanças significativas em seu modo de pensar. Mas, segundo Coelho, o leitor crítico só nasce com o domínio total da leitura e da linguagem escrita.

Dessa forma, o papel do professor não é apenas de ensinar a ler e escrever, mas principalmente formar leitores críticos. Para isso, é necessário aproximar os alunos do texto por meio de uma leitura prazerosa e significativa, pois a motivação do professor ao ler o texto pode interferir na recepção dos alunos, que precisam aprender e a gostar de ler os livros e o mundo.

Ler é como chegar a uma horta e saber o que é cada planta e para que ela serve. Quem não sabe nada de “ler horta” entra dentro dela e só vê um punhado de plantas, de mato. Um monte de plantas diferentes, mas parecendo que é tudo igual. Quem não aprender a “ler” a horta, a conhecer os seus segredos, não sabe o que é cada uma, como é que se prepara cada uma, com o que é que se come. (BRANDÃO, 2005, p. 49)

Sendo assim, traduzir para uma criança não é uma atividade tão simples ou mais fácil do que traduzir para um adulto como muitos concluem. Seja qual for público alvo de um texto, o tradutor precisa conhecer muito mais do que os idiomas envolvidos. Não é por que o texto é direcionado para crianças que ele deve ser escrito na linguagem

própria das crianças, pois o adulto leitor tem interferência nessa compreensão. Ainda assim, essa leitura não precisa ser feita com uma linguagem infantilizada, porque o tradutor faz as adaptações necessárias no que se refere aos aspectos culturais, sem necessariamente afetar o estilo e a intenção do autor do texto original.

CAPÍTULO 2:

A tradução da literatura para crianças: dilemas linguísticos e culturais

O capítulo que se inicia logo a seguir trata da influência do texto escrito na oralidade e do seu tratamento na tradução da literatura infantil, bem como de outras particularidades da tradução desse campo literário, como as ligadas à presença e o papel que nele têm as imagens. Todo livro, seja ele infantil ou adulto, tem um objetivo que não pode ser desconsiderado na tradução. Porém, a literatura infantil envolve tanto a existência de um leitor alvo (mesmo ainda não completamente alfabetizado) com uma competência linguística em desenvolvimento, quanto a presença de ilustrações de que, em alguns casos, é necessário fazer adaptações para que a recepção da obra seja mais proveitosa. Portanto, não se podem considerar as críticas infundadas de que as adaptações a priori prejudicam uma obra, pois sempre, mais ainda em casos como a literatura infantil, há necessidade de avaliar atentamente o contexto e o tipo de público para o qual o livro foi traduzido.

2.1 A influência do conhecimento da norma padrão no desenvolvimento da expressão oral: traduzir para crianças.

Ouvir uma história na linguagem formal, sem dúvidas, melhora a expressão oral de uma pessoa, mas isso não a torna melhor nem superior a outro falante da língua. Isso é confirmado pelo fato de que, mesmo aqueles que nunca tiveram oportunidade de ser inseridos em um ambiente de educação formal, falam de forma compreensível. Um exemplo típico são as crianças, que aprendem a falar naturalmente, usando construções verbais coerentes que qualquer falante da língua entende. Porém, não se pode dizer que o conhecimento da língua padrão seja inútil nem desnecessário para se inserir no seio de uma comunidade linguística e interagir com seus membros.

Neste sentido, Possenti (1996) comenta: que jamais se deve desprestigiar o valor da gramática, pois afinal o papel da escola nada mais é do que ensinar a língua padrão. Para esse pesquisador, a tese de que não se deve exigir o domínio do dialeto padrão daqueles que usam a linguagem não padrão incide basicamente em um mero preconceito: o de que é difícil aprender o português padrão.

De acordo com Possenti (1996, p.17), aprender ou não a língua padrão está relacionado não só com o meio social do indivíduo, mas também com estratégias escolares discutíveis. Nas palavras dele: “O problema do ensino padrão só se põe de forma grave quando se ensina àqueles que não o falam usualmente, isto é, a questão é particularmente grave em especial para alunos das classes populares”.

É verdade que a língua padrão é mais usada por aqueles que pertencem a uma classe social privilegiada, mas para o autor não é correto tirar o direito daqueles de uma classe social menos favorecida, de aprender essa linguagem. Assim, defende que:

Tornar seu ensino obrigatório para os grupos sociais menos favorecidos, como se fosse um único dialeto válido seria uma violência cultural. Pois, também seriam impostos os valores culturais ligados às formas ditas cultas de se falar e escrever, o que implicaria em destruir ou diminuir valores populares (POSSENTI, 1996, p. 18).

Conclui-se, que apesar de o aprendizado beneficiar os falantes de classe social baixa, é errado dizer para uma pessoa que ela não deverá falar da forma que aprendeu. Contudo, deve-se frisar que a linguagem padrão deve ser usada apenas em determinados momentos para ocorrer de forma adequada às demandas do contexto. Isso evitaria qualquer tipo de preconceito, porque todos têm a capacidade não só de aprender as regras gramaticais, como também de usá-las quando for necessário.

Nesse mesmo sentido o autor diz que as escolas fracassam, pois muitas vezes os professores passam para os alunos tarefas de casa que deveriam ser ensinadas em sala de aula, as quais geralmente são relacionadas com leitura e produção de textos. Nesse sentido, Possenti (1996, p. 21) afirma que: “A única opção da escola comprometida com melhoria na qualidade do ensino está entre ensinar ou deixar aprender... Qualquer outra implica em conformar-se com o fracasso ou, pior, em atribuí-lo ao aluno”.

Do dito até aqui se deduz que é importante ensinar as regras gramaticais, mas é melhor priorizar a escrita e o discurso de uma forma menos técnica. Porém, o que se observa de fato, nas salas de aula brasileiras, são alunos que conhecem muito a respeito de orações coordenadas e subordinadas, mas que escrevem errado diversas palavras e encontram dificuldades no nível do letramento, na hora de construir interpretações sólidas sobre leituras feitas e de produzir textos que atendam aos objetivos almejados, sejam lá quais forem.

O ensino no Brasil precisa, portanto, de uma revolução com respeito à metodologia predominantemente adotada, que ultrapasse os condicionamentos derivados do fato de que todos costumam querer aprender gramática de forma mecânica, apenas para serem aprovados em concursos e vestibulares. Mas não querem conhecer em profundidade sua língua, nem parecem dispostos a lutar por mudanças em prol da melhoria do seu ensino.

Esse dilema – entre incluir ou não elementos da norma padrão em textos para crianças – não se encontra unicamente no contexto escolar, mas também na prática tradutória. Por se tratar de um caso de registro, em parte, de fala das crianças, na literatura infantil – original ou traduzida – a princípio pode-se optar pela linguagem falada, à qual os leitores alvo têm acesso. No entanto, a linguagem escrita diverge da linguagem falada. As crianças precisam ter contato com a linguagem formal e a leitura é o principal meio para se conhecer essa diferença.

Não se pode impor uma língua padrão a todos, até porque independente de alguém saber a gramática ou não, nenhum brasileiro usará a língua escrita no seu dia a dia. No entanto, é necessário que os alunos tenham contato com a linguagem formal para que ele decida quando deve ou não usá-la.

O domínio da norma padrão certamente não é uma fórmula mágica que vai permitir ao falante do português não padrão “subir na vida” automaticamente. (...) Por isso devemos brigar pela efetiva distribuição democrática da riqueza linguística assim como devemos brigar também pela distribuição democrática de terras, empregos, saúde, moradias, educação... (BAGNO, 2000, p. 30).

É verdade que o aluno precisa aprender a escrever de acordo com a ortografia oficial, mas não é preciso reprovar sua linguagem por tentar criar uma língua artificial. Conforme Bagno (1999, p. 53), “seria mais justo e democrático dizer ao aluno que ele pode dizer bunito ou bonito, mas que só pode escrever bonito, porque é necessária uma ortografia única para toda a língua, para que todos possam ler e compreender o que está escrito”.

Conforme o que foi dito até este ponto, serão discutidos à continuação alguns contextos em que elementos questionáveis do ponto de vista da norma linguística mereceram tratamento tradutório no volume em pauta neste trabalho. São os seguintes:

Texto original	Texto traduzido
<ul style="list-style-type: none"> • ¡Mamá, papá! ¡Mirad, mirad lo que hemos encontrado! • ...o cargarse unos cuantos a la espalda y llevarlos de paseo por el jardín. 	<ul style="list-style-type: none"> • Mãe, pai! <u>Olhem, olhem</u> o que achamos! • ...<u>carregá-las</u> nas costas, passeando pelo quintal.

Ao traduzir os trechos acima citados, optou-se por manter o registro formal, mesmo que não seja comum na oralidade, especialmente quando se trata de crianças. Porém, é papel do professor apresentar a modalidade formal da língua sem desvalorizar outras variedades linguísticas. É importante que a criança entenda que existem diferenças entre a escrita e a fala e, na educação infantil, essas diferenças são apresentadas por meio das histórias lidas pelo professor. A comunicação não deixará de existir sem o conhecimento da variedade padrão, mas a escola constitui um dos poucos ambientes onde se tem esse acesso, em especial no caso de crianças provenientes de contextos desfavorecidos do ponto de vista socioeconômico.

A verdade é que, independentemente de instrução escolar, os falantes se entendem, mesmo com algumas particularidades de pronúncia, mas, às vezes, isso se torna um motivo de risos por parte das pessoas que se consideram donas de um dialeto superior. É o que diz Sacconi (2008) em seu livro “ABC – Dicionário de pronúncia correta”: “A norma culta, soberana, tem sempre seus indicadores, aos quais, para esta ou aquela ocasião, devemos sempre estar atentos”.

Para Bagno (1999), não se pode dizer quem fala corretamente tendo como referência à escrita, porque, na maioria dos casos, se trata de uma variação da língua, ou seja, nenhuma língua é falada da mesma forma por todas as pessoas. Não é possível falar inglês como se escreve e ninguém reclama disso; no entanto, existe uma tendência de se corrigir quem fala ‘minino’, ‘muleque’ ou ‘bisôno’.

Sacconi, em seu livro “Não Erre Mais”, explica a forma correta de se pronunciar determinadas palavras. E diz que: ‘o emprego do você só é correto como pronome indeterminado, ou seja, quando não se dirige propriamente à pessoa com quem se fala’. Sabe-se que no português do Brasil se usa ‘você’ como segunda pessoa do singular. Além disso, critica a forma como muitos falam em textos jornalísticos e outras situações corriqueiras, e ainda diz que é a escolha da língua que usamos que determina a posição e o papel que ocupamos na sociedade.

Nesse caso, o autor parece se contradizer, pois, na apresentação do livro em questão, diz que:

O indivíduo só pode se sentir inteiramente livre, no âmbito da comunicação linguística, quando conhece todas as modalidades de língua a seu dispor e escolhe a que melhor convém ao momento do discurso. O ideal é que o indivíduo seja um poliglota dentro da sua própria língua. Conhecer a norma culta, assim, de certa forma, é sentir-se mais livre para comunicar-se. Não é preciso usá-la para viver, mas é absolutamente indispensável conhecê-la para conviver (SACCONI, 2005, p. 03).

De acordo com Bagno (2007), há muitos equívocos no estudo da língua, pois os termos norma-culta e norma-padrão não devem ser usados como sinônimos. A norma-culta é a variedade usada por pessoas escolarizadas e de maior renda, mas isso não significa que esses falantes sigam, pelo menos sempre, as regras da norma-padrão. Esta é um conjunto de regras que visa a unificar a escrita e a fala, mas, devido à heterogeneidade da língua, uma unificação sistemática é, na verdade, impossível.

Além disso, não se pode afirmar que somente os pobres ou pessoas não escolarizadas fazem uso da norma não padrão, pois a língua falada por cidadãos de classe média alta também apresenta suas diferenças em relação ao padrão estabelecido pelos gramáticos tradicionais. É necessário esclarecer que a língua é construída em ambientes sociais, pois o monitoramento do uso depende da situação e do ambiente em que o falante se encontra.

Assim, foram utilizadas determinadas soluções na tradução proposta neste trabalho a fim de dar acesso a crianças como aquelas que constituem o público alvo da tradução aqui proposta, a fenômenos como, por exemplo, certas formas verbais no plural, o uso de ‘nós’ no lugar de ‘a gente’ (Olhem, olhem o que achamos!) ou a ênclise dos pronomes átonos (“carregá-las nas costas”). Não se tratou de não reconhecimento da variedade nativa dos alunos, nem do seu desrespeito, mas da possibilidade de utilização do espaço educativo e da prática tradutória para ampliar os conhecimentos linguísticos do público alvo, dentro das suas capacidades. Trata-se, afinal, de introduzir o conhecimento de formas gramaticais em absoluto ininteligíveis por parte das crianças às quais se destina a tradução em função da proximidade daquelas que as crianças usam e veem usar no seu cotidiano.

2.2 A tradução do livro “*El viaje del cocodrilo Matusalén*”: problemas culturais.

Ao traduzir o livro “*El viaje del cocodrilo Matusalén*”, algumas mudanças nas ilustrações foram inevitáveis. Em concreto, foram necessárias algumas alterações ligadas à relação do relatado com o contexto de recepção: crianças brasileiras, agora retratadas de uma forma mais próxima dos traços culturais, étnico-raciais e socioeconômicos que os leitores alvo de fato apresentam.

A começar pelo título da obra, foi necessário substituir “*cocodrilo*” por jacaré, porque não existem crocodilos no Brasil e o Jacaré é um animal mais conhecido pelas crianças brasileiras. O crocodilo é um animal pertencente à família *Crocodylidae*, que possui o focinho mais afilado e alongado que o dos jacarés. Eles apresentam dentes longos alinhados que podem ser vistos mesmo quando fecham a boca. Na língua dos crocodilos, é possível notar a presença de glândulas que ajudam a excretar sal, uma característica não verificada nos jacarés.

Os crocodilos são répteis que atingem grandes tamanhos, diferentemente dos jacarés. O crocodilo de água salgada, por exemplo, que possui comprimento superior a 8,5 metros e pode atingir mais de 1,5 toneladas. O único crocodilo americano é encontrado na Venezuela.

No que se refere aos nomes dos personagens, poderiam ser copiados para se manter os mesmos do texto original ou transcritos de acordo com a ortografia ou fonologia da língua alvo, mas os nomes dos personagens foram substituídos para que as crianças melhor se identifiquem com a história, já que os nomes do texto original não são comuns no Brasil. Na tradução apresentada, Flor e Bautista, por exemplo, se tornaram Paula e João, as crianças que encontram o animal na rua.

Por sua vez, o nome do personagem principal, Matusalém, não foi alterado, porque passa a ideia de um problema antigo que precisa ser resolvido. A exploração infantil existe há muito tempo e Matusalém faz referência a um personagem de outra história, que viveu mais do que todas as outras pessoas de seu tempo.

A história relatada em “*El viaje del cocodrilo Matusalén*” ocorre com crianças abastadas financeiramente, pelo menos quando olhadas da perspectiva brasileira. No texto original o animal vive em um jardim com piscina, o que não é comum para a maioria dos brasileiros. Poucos são aqueles que têm uma piscina

privativa. Assim, foi necessário alterar alguns termos e o próprio ambiente na história, que é transformado em um quintal com uma velha caixa d'água.

Nesse sentido, vejam-se os trechos a seguir:

Texto original	Texto traduzido
...Matusalén... podría quedarse en la piscina del jardín.	...Ele poderia ficar na velha caixa d'água do quintal.

Nesse trecho, foi necessário adequar o texto a um cenário mais corrente no Brasil, onde tanto a piscina quanto o jardim em casa resultam alheios ao cotidiano da maioria das crianças, aproximando-o de elementos próximos da sua realidade.

O mesmo acontece no tocante a expressões comparativas estranhas ao ouvido brasileiro. Observe-se, por exemplo:

Texto original	Texto traduzido
A Matusalén lo encontraron en un charco de la <u>calle Cruz</u> cuando todavía era un bebé, <u>tan pequeño como un zapato</u> . ¡Mamá, papá! ¡ <u>Mirad, mirad</u> lo que hemos encontrado!”	Matusalém foi encontrado <u>no meio da rua</u> , perto de uma poça de água, quando ainda era bebê. Era <u>tão pequeno que dava para carregar no colo</u> . Mãe, pai! <u>Olhem, olhem</u> o que encontramos!

Como se percebe, não há especificação da rua na tradução, porque o objetivo é atingir leitores em geral. Ao traduzir “*tan pequeño como un zapato*”, optei por não traduzir palavra por palavra. Afinal, os sapatos ainda funcionam no Brasil como marcadores de classe social, podendo ser lida a sua presença como excludente.

Texto original	Texto traduzido
...todo fueron risas, lametazos, saludos...pero, claro, los demás espectadores se asustaron mucho, porque no sabían que matusalén era el cocodrilo de los niños... ¡¡¡socorro, auxilio!!! ¡¡¡Un cocodrilo suelto!!!	As crianças ficaram muito felizes, mas outras também se assustaram... “Socorro, socorro! O jacaré está fugindo!”

Essa modificação – por síntese do texto – ocorreu porque é comum em livros infantis menos linguagem verbal e muitas ilustrações. Já o tratamento na tradução

de frases como “¡¡¡socorro, auxilio!!!” e “¡¡¡Un cocodrilo suelto!!!”, partem de que, em português, é comum se ouvir “Socorro! Ajudem!”, mas ainda é mais usual a repetição do primeiro apelo. Além disso, o adjetivo “*suelto*” não foi traduzido da mesma forma por passar a ideia de que os jacarés vivem amarrados. Tive como sugestão a expressão “à solta”, mas não é comum de se ouvir, muito menos no universo infantil. Assim, optei pela locução verbal “está fugindo”, porque é mais fácil para uma criança visualizar.

2.3 Tradução e ilustrações

Retomando a questão, agora literalmente, da visualização, diversas alterações foram efetuadas sobre as propostas visuais do texto de partida, na hora de apresentar soluções que surtissessem o efeito pretendido nos leitores alvo.

Na literatura infantil, as ilustrações não são apenas enfeites, pois ajudam as crianças a ler um livro, mesmo sem o domínio da linguagem verbal. Porém, os recursos visuais de um livro que foi escrito em outro país podem não ser tão fáceis de ler em outra cultura, pois as crianças precisam se sentir próximas das personagens de uma obra. Na literatura infantil, é importante oferecer ao leitor não só a tradução do texto em si, mas também dos recursos visuais. Às vezes, a tradução do texto altera o cenário e as ilustrações precisam ser modificadas para uma melhor compreensão.

A capa do livro “*El viaje del cocodrilo Matusalén*” traz duas crianças abraçando um animal de estimação, uma demonstração de amor comum que atrairá o leitor. No entanto, as características físicas dessas crianças pouco se assemelham às dos brasileiros. Por isso, optei por uma capa com uma menina negra, sem deixar de destacar Matusalém como a personagem principal do livro.

De acordo com Cecília Alvstad (2010), na tradução de literatura infantil é necessário fazer uma adaptação ao contexto cultural, porque é importante ajustar o texto aos possíveis quadros de referência do leitor, levando em conta as capacidades e o conhecimento dos leitores. Se o tradutor não fizer uso desse método, poderá dificultar a compreensão do texto para o público da língua de chegada.

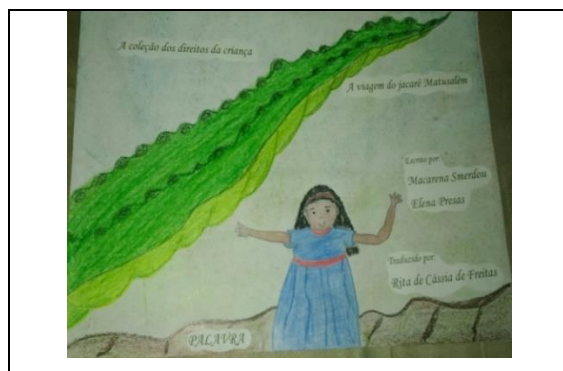
Outro método citado pela autora é a manipulação ideológica ou as mudanças necessárias para que o texto se encaixe no conjunto de valores que uma determinada comunidade pretende inculcar às crianças. Os elementos que exigem essa manipulação

podem ser “palavrões” ou frases mais utilizadas no discurso informal. Nesse caso, a tradutora pôde recorrer à perspectiva contrária: a do enriquecimento do vocabulário e do conhecimento gramatical pelo acesso a formas cultas do português, distantes dos usos habituais dos leitores alvo.

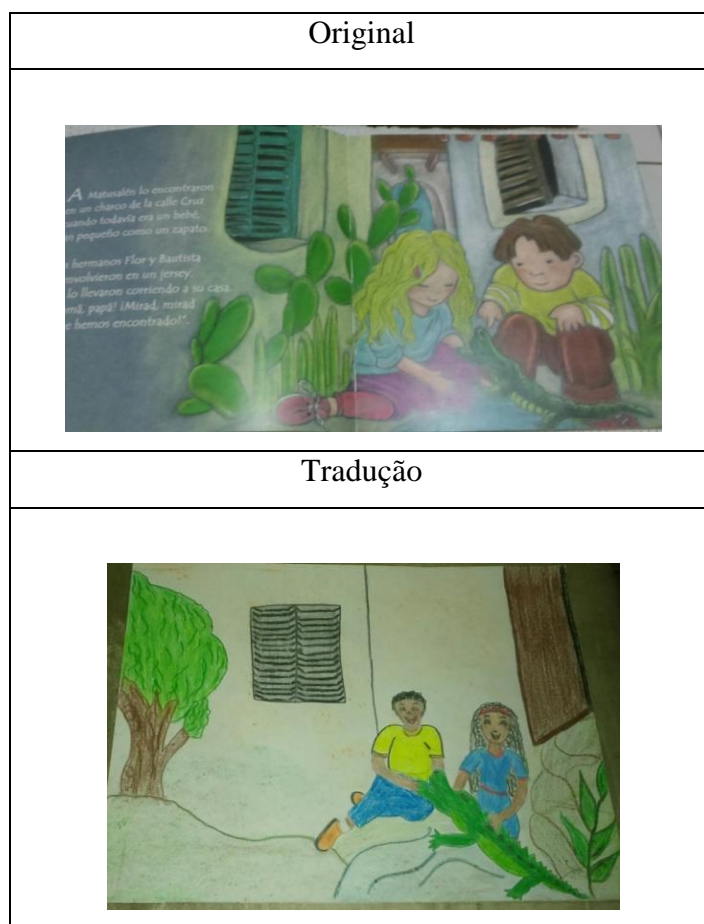
Alvstad (2010) também fala sobre o duplo leitorado ou o público alvo dos livros infantis, que não necessariamente são apenas as crianças. De fato, são os adultos que levam esse conhecimento para as crianças; por isso, muitas vezes o texto apresenta duplo sentido e ambiguidades que visam aos interesses daqueles também. Além disso, a autora fala dos componentes da oralidade, que são frequentes na literatura infantil. Esses componentes são o som, o ritmo, as rimas, o absurdo e os jogos de palavras, que representam o lúdico, tão importante para o desenvolvimento da criança. Essas marcas de oralidade tornam a tradução mais difícil, pois obrigam o tradutor a decidir entre a representação de modelos familiares ou palavras estranhas no que diz respeito à rima ou à musicalidade do texto.

Já em relação à coexistência de um código verbal e de um código visual tão comum na literatura infantil, Alvstad afirma que, se as ilustrações estiverem em concordância com o texto escrito, elas podem ser traduzidas numa perspectiva diferente. O tradutor precisa ter conhecimento da ilustração que vai acompanhar sua tradução para evitar possíveis contradições. Assim, além de incluir a linguagem verbal, os livros infantis devem trazer ilustrações que acrescentem informações ao texto.

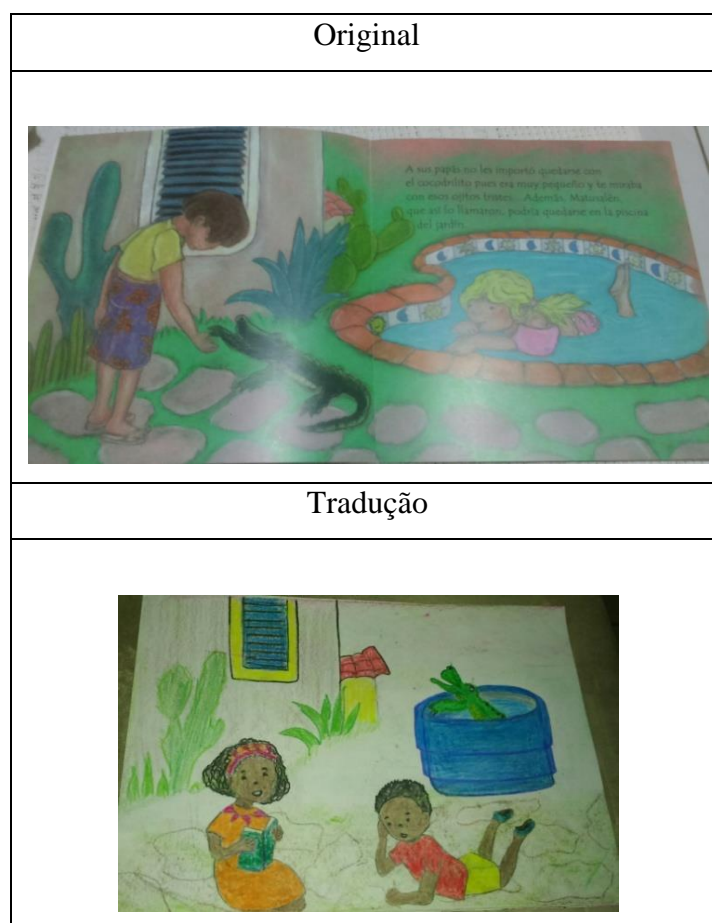




No início da história em pauta, quando Matusalém é encontrado no início, há uma ilustração de uma rua com uma poça d'água. É uma imagem fácil de ser lida por qualquer criança, mas os personagens no livro original estão usando roupas pouco comuns no Brasil. Novamente, foram necessárias algumas mudanças para o público da tradução, pelo qual foram pintadas, para a capa do volume traduzido, crianças negras de cabelos escuros e com roupas mais frescas.

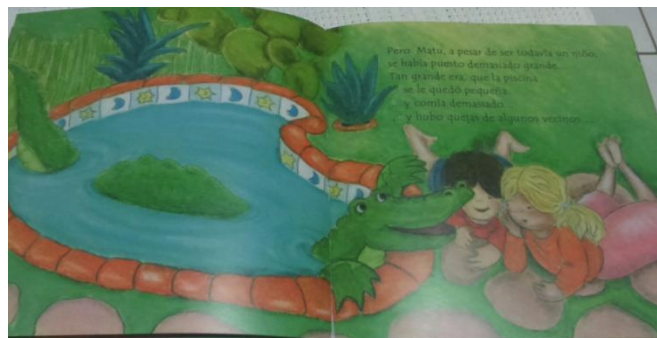


Outra das ilustrações do livro original, onde aparece um jardim com piscina, representa um lar de famílias abastadas. A mudança desse cenário foi uma adaptação às condições da maioria dos brasileiros, que normalmente têm um quintal, mas quase nunca uma piscina. Assim, foi desenhado um quintal simples com uma velha caixa d'água.

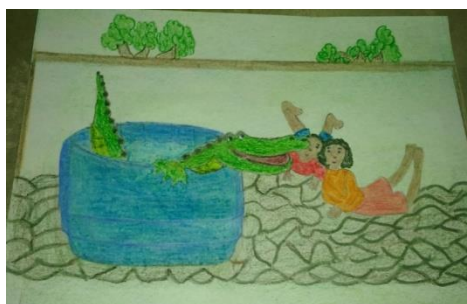


Na obra original, o animal é um crocodilo que, depois de grande, não caberia em uma piscina, mas, na tradução, o animal é um jacaré que se torna enorme para a caixa d'água. A mudança na espécie do animal está relacionada ao fato de que o jacaré é um animal mais conhecido na América do Sul, especialmente para as crianças brasileiras.

Original



Tradução



Pela natureza do leitor alvo, na tradução de literatura infantil as imagens também servem para traduzir palavras. Dessa forma, é imprescindível que sejam mais próximas da realidade do público, especialmente quando se trata de crianças, em especial se pretende que o texto chegue ao íntimo delas.

CAPÍTULO 3:

Recepção por crianças do texto traduzido

Neste capítulo, será abordada a pesquisa feita com as crianças e a reação dessas após a leitura da tradução do livro “*El viaje del cocodrilo Matusalén*”. A pesquisa foi feita com quatro turmas de 2º período da Educação Infantil de um centro de educação infantil da cidade de Samambaia, Distrito Federal. As turmas de 2º período normalmente têm 24 alunos, porém algumas são reduzidas devido à presença de alunos com deficiência, que necessitam de maior atenção do professor, e contam com apenas 15 alunos.

A escola atende a uma comunidade carente em sua maioria. Muitas crianças são criadas pelos avós por serem filhos de jovens que engravidaram na adolescência e não tiveram condições de criá-los. Outras vivem com os avós porque a mãe não tem condições psicológicas para educá-las, devido ao uso de drogas ou outros relacionamentos conflituosos. E ainda há as crianças que, mesmo morando com os pais, enfrentam muitas dificuldades. Mas há também crianças que, mesmo com dificuldades financeiras, têm uma família estruturada e conseguem ser acompanhadas pelos pais como o esperado.

No primeiro momento, foi apresentada a tradução – “A viagem do jacaré Matusalém” – por meio da leitura do texto e das ilustrações. Em seguida, foram feitas algumas perguntas para saber o quanto eles haviam compreendido a história. Como as questões foram sendo criadas durante a interação, elas divergem entre cada uma das turmas que participaram da pesquisa. Embora isso dificulte o cruzamento das informações, essa dinâmica permitiu preservar a naturalidade e espontaneidade do processo, sobretudo no caso da primeira turma, já acostumada com atividades deste tipo.

A apresentação das respostas é realizada mediante uma interpretação geral do sentido delas. Práticas como a transcrição resultariam, neste caso, extremamente dificultosa pelo fato de as crianças responderem em conjunto, com uma constante sobreposição de vozes das quais as inteligíveis e consideradas mais relevantes foram destacadas a seguir.

3.1 Apresentação dos dados

3.1.1 Primeira turma.

As questões colocadas (em negrito) e as respostas recebidas neste caso foram estas:

Como Matusalém foi recebido pela família? As crianças disseram que ele foi muito bem recebido, pois conseguiram visualizá-lo como membro da família.

Matusalém era adotado? Elas não entendem muito bem o conceito de adoção, mas, após a pergunta, afirmaram que ele era adotado, pois tinha um lugar diferenciado para ele na casa. Também avaliaram a relação de Matusalém com as crianças como muito boa.

Por que ficou difícil manter Matusalém no quintal da casa? Perante essa colocação, ouviram-se respostas como: “Porque ele ficou gigantesco”, “Não cabia mais na caixa d’água”, “Os outros não gostavam dele” e “Comia muito”. As crianças compreenderam muito bem, como se vê, que o jacaré havia se tornado um peso para a família.

Para onde Matusalém foi levado e como se sentia? Elas não estranharam o fato de o jacaré ser doado ao circo, mas se incomodaram muito com a maneira como era tratado e principalmente por vê-lo preso em uma jaula. Por isso, essa foi precisamente a imagem escolhida pela maioria para desenhar. Uma criança, especificamente, respondeu que ele era triste assim como ela.

Matusalém teve seus direitos respeitados? As crianças, em sua maioria, entenderam que Matusalém teve seus direitos desrespeitados, mas viram nele um animal forte e capaz de realizar as atividades que lhe corresponderam no circo.

Como Matusalém se sente no circo? “Triste”. Essa foi a resposta de quase todos os alunos, mas uma aluna, em especial, disse literalmente: “Ele é triste que nem eu”. Uma prova de que a leitura toca as pessoas de acordo com o momento que elas estão vivendo.

Por último, perguntei sobre o reencontro e se eles gostaram do final da história. Todos gostaram de saber que Matusalém voltou para casa e que a família iria ficar unida novamente.

3.1.2 Segunda turma

Apresentei os dois livros e, antes de começar a ler a tradução, chamei procurei mostrar as diferenças nas ilustrações de capa. O livro em espanhol tem como ilustração de capa duas crianças brancas, mas a tradução tem uma única criança e é negra. Quando perguntei se a menina da capa é branca, as crianças disseram que ela é “morena”, mas enfatizei que ela é negra. Conte a história, apresentando as ilustrações e fiz algumas perguntas.

Matusalém teve seus direitos respeitados ou foi explorado? A turma respondeu imediatamente que ele foi explorado, lembraram da jaula e da corda amada na cabeça para puxar os carros.

Matusalém era adotado? Todos responderam que ele era adotado. Sem mostrarem entender a ideia de adoção, compreenderam que ele era adotado e que tinha um lugar diferenciado para ele na casa.

Acontece de uma família adotar uma pessoa e depois desprezá-la? “Não”. As crianças não conseguem visualizar isso. **Mas por que acontece com animais?** Um aluno respondeu que algumas pessoas vão atrás, pois se lembrou de cartazes com fotos de animais ou de pessoas desaparecidas.

Por que ficou difícil manter Matusalém no quintal da casa? As respostas foram praticamente as mesmas da primeira turma: “Não cabia mais na caixa d’água” e “Comia muito”. Os alunos compreenderam muito bem que o jacaré havia se tornado um peso para a família, mas sugeriram que a família construísse uma piscina para ele, mesmo sem condições para isso.

Como Matusalém se sentia no circo? As crianças entenderam que Matusalém se sentia mal no circo e que precisava voltar para casa.

Como Matusalém reencontrou as crianças? Essa questão recebeu respostas como: “Ele pulou no negócio do circo e viu as crianças alegres e ele foi todo alegre”, “E voltou pra casa e as crianças ficaram muito felizes”. A turma torcia para Matusalém voltar para casa.

3.1.3 Terceira turma

Para essa turma, que é reduzida, optou-se por contar a história e não simplesmente ler. A reação foi muito boa também e as crianças se sensibilizaram com a situação do jacaré.

Matusalém teve seus direitos respeitados? Todos responderam que não, pois entenderam que Matusalém sofria no circo.

Matusalém era adotado? As crianças entenderam que ele era adotado e que, após o segundo abandono, voltar para casa era o melhor que poderia lhe acontecer.

O que os pais de Paula e João poderiam fazer para receber Matusalém de volta? A primeira sugestão foi fazer um lago, talvez porque os alunos perceberam que não tinham dinheiro para construir uma piscina, como foi sugerido por outro colega.

Qual a imagem de que mais gostaram? Todos respondem que gostaram da hora em que ele saiu do circo.

3.1.4 Quarta turma

Assim como nas outras turmas, após ser lida a história, foram feitas algumas perguntas para as crianças, que são as reproduzidas a seguir, com as respostas correspondentes.

Matusalém nasceu naquela família ou foi adotado? Inicialmente, responderam que Matusalém havia nascido naquela família, mas, quando indagados novamente, eles responderam que era adotado, porque foi encontrado na rua.

Matusalém teve seus direitos respeitados? Todos responderam que não. Então, foi perguntado o porquê e as crianças disseram: “doaram ele”. E lembraram que ele puxava carros pesados no circo.

Por que foi necessário “doar” Matusalém para o circo? As respostas foram estas: “Porque ele era muito grande”, “Fazia muito barulho e incomodava os vizinhos” e “Comia muito”. Os alunos mostraram ter compreendido que era difícil manter Matusalém na casa.

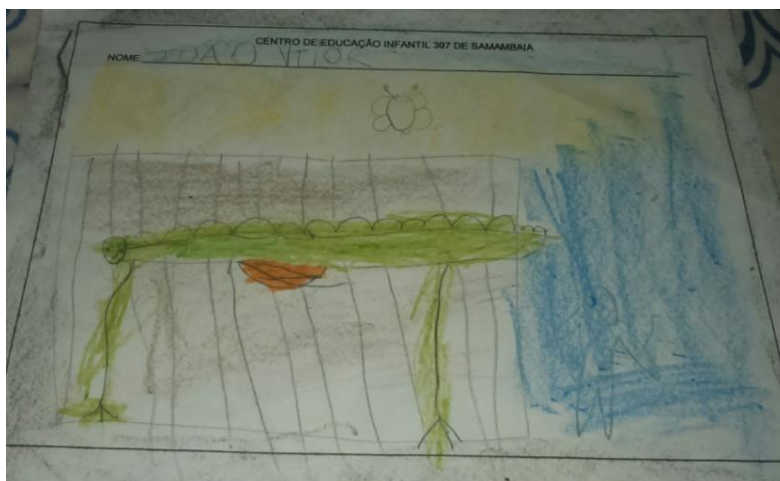
Como foi possível trazer Matusalém de volta para a casa de Paula e João? Neste caso, as respostas foram divergentes, destacando-se: “Ele fez uma confusão no circo” e “O circo não queria mais”.

3.2 Reelaborando os resultados: a tradução pela imagem por parte das crianças

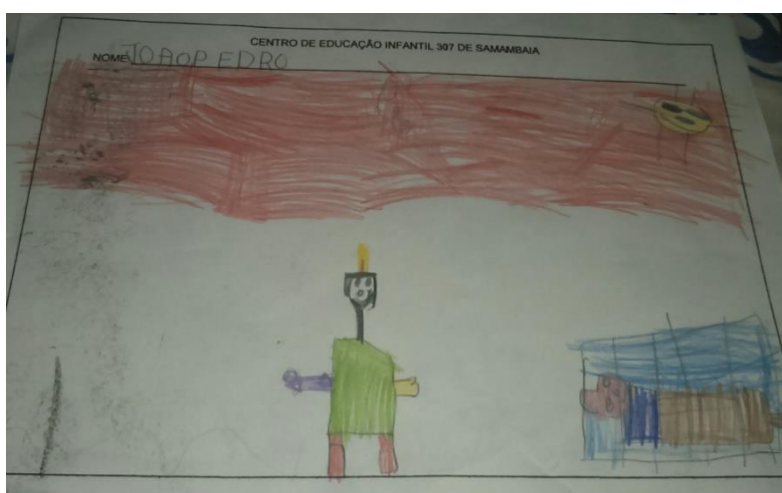
No período de alfabetização, a criança procura se expressar por meio de desenhos que representem seus sentimentos, desejos e descobertas. É possível afirmar que as crianças podem manifestar sua concepção do mundo a partir de desenhos. Por ter a oportunidade de observar e de conviver com crianças em processo de alfabetização, percebi que, nessa fase, as crianças costumam desenhar com base nas histórias lidas em sala de aula. Dessa observação, pude compreender a importância do desenho para a aquisição da língua escrita.

Em função disso, depois de ler ou contar a história para as crianças, foi pedido para que elas fizessem um desenho da imagem que mais gostaram. A primeira turma, que tem uma realidade vital mais difícil, optou, quase que unanimemente, por desenhar o jacaré preso na jaula. O sofrimento fez com que os alunos se identificassem com a cena mais triste do livro.





Aparecem acima duas amostras das formas como crianças dessa primeira turma representaram a imagem que mais lhes chamou a atenção. Claro que o desenho deles sempre traz mais do que simplesmente uma imagem de um jacaré preso. A mensagem que transmitem em suas obras remete para o fato de que, além da prisão em si, há no mundo algo a mais de colorido. A representação se aproxima desse modo à vida delas: embora tenha momentos difíceis, há sempre o sol para nos alegrar, ou mesmo uma borboleta para nos encantar.



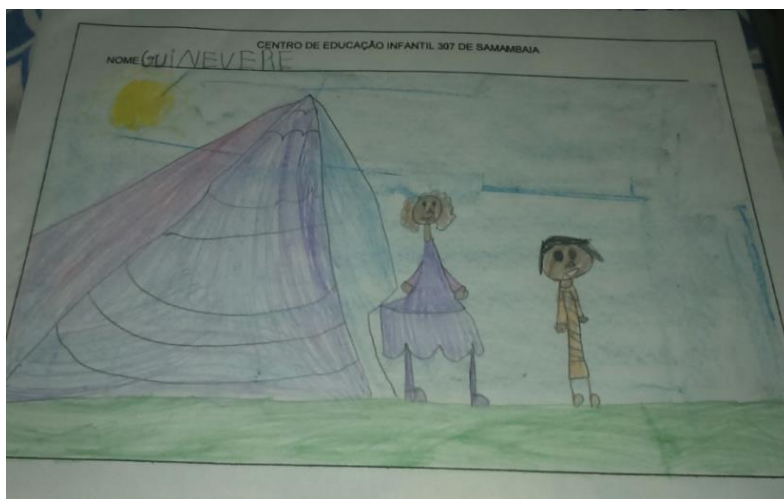
Há ainda um olhar de denúncia em relação à falta de empatia e solidariedade com o sofrimento alheio, como ilustra o desenho anterior, onde o aluno desenhou o dono do circo ao lado do jacaré preso, sugerindo que ele não se importaria com a situação do animal. Assim, o livro traduzido para neste trabalho trata especificamente dos direitos da criança. Embora esses direitos não sejam tão bem compreendidos na infância, conforme aponta Reinaldo Luiz Damazio, em seu livro “O que é criança”, a

criança é um sujeito que, ainda em seu processo de crescimento e com suas possibilidades orgânicas e mentais específicas, é portador de seus próprios meios de viver e conhecer a realidade.

Dessa forma, mesmo que as crianças não conheçam seus direitos, a leitura de livros que tratam desse assunto, ainda que de forma implícita, faz com que elas desenvolvam o seu próprio senso crítico em relação à moral e a ética, mas também influenciado pelo grupo ou meio social no qual estão inseridas.

De acordo com Edith Derdyk em “Formas de pensar o desenho: desenvolvimento do grafismo Infantil”, “desenhar não é copiar formas, mas tentativas de aproximação com o mundo”. Por isso o desenho é algo tão particular, pois cada sujeito carrega sua própria bagagem de conhecimento. Os dois desenhos a seguir, por exemplo, põem de relevo que as crianças desenharam de acordo com sua perspectiva. O primeiro deles tem muito do desenho apresentado na história, mas não se pode dizer que seja uma cópia. Já no segundo, a criança conseguiu representar um circo da forma como ela o conhece, mas não desenhou o jacaré. Talvez o personagem principal não a tenha tocado tanto quanto o circo.





Encerra-se agora esta seção retomando as palavras de Bettelheim (2002, p.12 apud NOGARI, 2010, p. 557-563), que põem de manifesto o caráter criativo, de construção de mundos, inerente à prática da leitura:

Os contos de fadas são ímpares, não só como forma de literatura, mas como obra de arte integralmente compreensível para a criança, como nenhuma outra forma de arte o é. Como sucede com toda grande arte, o significado mais profundo do conto de fadas será diferente para cada pessoa e, diferente para a mesma pessoa em vários momentos de sua vida. A criança extrairá significados diferentes do mesmo conto de fadas, dependendo dos seus interesses e necessidades do momento. Tendo oportunidade, voltará ao mesmo ponto quando estiver pronta a ampliar os velhos significados ou substituí-los por novos.

E nesse ressignificar, muita relevância pode ter a tradução, vindo a traçar pontes entre sujeitos de países, culturas e idades diversos, a fim de incentivar uma (re)elaboração de mundos que tudo tem a ver com o processo educativo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio desse trabalho foi possível entender mais sobre o surgimento da literatura infantil e a importância da leitura de histórias para o desenvolvimento da criança. Afinal, os livros infantis não só ajudam na alfabetização das crianças, mas também contribuem para que entendam o mundo e as relações sociais por meio dos valores implícitos nessas histórias.

Por se tratar de um livro que seria lido para crianças que estão em processo de alfabetização, foi necessário recorrer a alguns linguistas e um gramático tradicional a fim de discorrer acerca da influência do conhecimento da língua padrão no letramento e, ainda, na própria expressão oral. Embora a fala não seja uma reprodução da escrita, mas esta seja uma reprodução daquela, há convergências entre a fala e a escrita. Assim, o papel da escola é apresentar a língua portuguesa de acordo com os usos cultos, independentemente da variedade oral em uso no seio de cada comunidade, visando a habilitar o aluno a entender e utilizar outras variedades se o contexto o requerer.

Esse trabalho reforçou, nesse sentido, o conhecimento da importância de se conhecer a língua padrão, mas também respeitar as diferentes formas de se expressar. Não basta conhecer as diferenças, é preciso aceitá-las e saber conviver com elas, ainda mais neste misto de linguagem do Brasil, que o torna rico linguisticamente.

Por essa razão, no processo de tradução do livro sob análise foi necessário fazer algumas adequações à realidade brasileira, especialmente àquela vivenciada pelas crianças que participaram da pesquisa, modificações não só nas traduções dos textos como também na reprodução dos desenhos, mas, nesse caso, com o objetivo de aproximar as imagens da realidade do país nos aspectos culturais e sociais.

Desse modo, na tradução das imagens buscou-se adaptar as características dos personagens àquelas dos brasileiros, levando em consideração a miscigenação étnico-racial e enfatizando a afro-descendência, como também a realidade de moradia e convivência, motivo pelo qual a piscina onde vivia o crocodilo foi substituída por uma caixa d'água, algo mais próximo da realidade da maioria dos brasileiros.

Nesse mesmo contexto, foi necessário o substituir o crocodilo como personagem principal da obra original por um jacaré, tendo que no Brasil e na América

do Sul não existem crocodilos e o animal que mais se aproxima dele no nosso país é o jacaré.

Assim, durante a pesquisa de campo com as crianças, contando a história já traduzida e adaptada para realidade brasileira foi possível perceber que, mesmo entre duas turmas de crianças com idades similares e de uma mesma realidade social, existem diferença na assimilação daquilo que elas consideram a melhor parte da história, pois isso não está atrelado apenas à sua realidade social e à cultura do país, mas à sua vida familiar, relação de afeto e convívio com os professores.

Desse modo, percebe-se que a tradução de obras infantis ultrapassa os limites e aspectos de uma tradução comum, em que se busca a adaptação da cultura da realidade social, do momento histórico e dos termos técnicos do texto traduzido. Na tradução da literatura infantil o tradutor precisa mergulhar no íntimo dos seus leitores, tentando ir ao encontro da realidade deles, considerando seus sonhos, medos e desejos.

Ante o exposto, depreende-se que, na tradução da literatura infantil, como a da amostra desse trabalho – que, além da tradução do texto, se voltou para o tratamento das imagens visuais –, faz-se necessário a análise da realidade do público, buscando adentrar os anseios mais íntimos, para desse modo conseguir tocar a alma de cada criança, fazendo com que elas almejem e busquem ultrapassar os obstáculos com que irão se deparar a cada dia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALVSTAD, Cecilia. Children's literature and translation. In GAMBIER, Yves; DOORSLAER, Luc van (eds.) **Handbook of Translation Studies**. Volume 1. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing, 2010. pp. 22–27

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico, o que é, como se faz**. 37ª edição. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

_____. **Língua de Eulália: novela sociolinguística**. 7ª edição. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

BAKHTIN, Mikhail V. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992;

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Paulo freire, o menino que lia o mundo: uma história de pessoas, de letras e de palavras**. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

DAMAZIO, Reinaldo Luiz. **O que é criança**. 3ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1994.

DERDYK, Edith. Formas de pensar o desenho: desenvolvimento do grafismo Infantil. Disponível em: <http://pt.slideshare.net/lidiaganhito/formas-de-pensar-o-desenho>. Acesso em 01/11/2016.

NOGARI JÚNIOR, Arnaldo; MIGUEL, Layane Suellen. A importância da leitura na infância. In: SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA SÓLETRAS – Estudos Linguísticos e Literários. 2010. Anai. UENP – Universidade Estadual do Norte do Paraná – Centro de letras, Comunicação e Artes. Jacarezinho, 2010. ISSN – 18089216, p. 557 – 563.

POSSENTI, Sírio. **Porque (não) ensinar gramática na escola**. 10ª edição. Campinas: Mercado das Letras, 2003.

SACCONI, Luiz Antônio. **Não erre mais!** 28ª edição. São Paulo: Ed. HARBRA, 2005.

_____. **ABC – Dicionário de Pronúncia Correta**. 2ª edição. São Paulo: Ed. Escala Educacional, 2008.

VIGOTSKY, L. S. **O desenvolvimento psicológico na Infância.** São Paulo: Martins Fontes, 1999.

COELHO, Nelly Novais. **Literatura infantil: Teoria, análise, didática.** São Paulo: Moderna, 2002.

ANEXO I

ANEXO II